



No nosso site
Assista ao vídeo
do drone tocando o
gado no link:
bit.ly/dronenapecuaria

Se para alguns os drones causam estranhamento e a sensação de que saíram de um filme de ficção científica, para outros eles são cada vez mais comuns no campo. O uso mais corriqueiro nas fazendas é o de reconhecimento e análise de pragas na plantação, mas a cada dia surgem novos usos para essa tecnologia. A novidade da vez é que ele também consegue tocar gado, sozinho, ou auxiliando um peão de boiadeiro.

O jovem pecuarista e empresário Ludgero Gabriel Sant'Anna descobriu a vocação de "peão" do seu drone por acaso. Entusiasta da tecnologia, ele colocou um exemplar do modelo Phantom para voar na fazenda do pai, em Buritis (MG), e se surpreendeu com a reação da boiada. "Eles começaram a sair de perto do drone como se estivessem sendo tocados", conta. Ao manobrar o objeto voador, conseguiu guiar sozinho cerca de 50 cabeças de nelore na primeira vez. A

possível explicação para tal reação é que o barulho do drone no ar é bastante parecido com o de um enxame de abelhas, o que faz com que os animais queiram fugir do "ataque" dos insetos.

Manobrar o drone para esse fim exige muito mais que habilidades de voo: é preciso ter conhecimento prático sobre pecuária e a lida com o gado. "Consigno executar direitinho porque já tenho noção de como tocar o gado da forma 'normal'. Não é só colocar ele para voar, mas saber a hora de movimentar o drone para o lado certo, esperar a hora de avançar e, assim, ir guiando o rebanho", diz Gabriel. "Sem saber o manejo tradicional, o gado pode se espalhar e dificultar o processo, além de quebrar o equipamento e dar prejuízo."

Por essa expertise ser necessária, os peões de carreira não foram dispensados, especialmente porque o uso do drone é feito de forma esporádica e ainda não faz parte da rotina da fazenda.

Gabriel usa o drone, em média, uma vez a cada 15 dias, para levar o gado de um pasto a outro ou conduzir para vacinação. Nas outras vezes, quem toca é Getúlio Mesquita, que trabalha na função há 20 anos, três destes nas fazendas da família Sant'Anna. "Sozinho esse 'trem' não faz nada. Tem de ter a gente para administrar", diz ele.

Ainda que o drone dê conta de tocar a boiada sozinho (Gabriel afirma ter tocado 180 bois com a engenhoca), a presença física da dupla boiadeiro-cavalo ainda é importante, principalmente para rebanhos mais numero-

sos. "A diferença é que, se uma grande quantidade de bois exigia cerca de três peões, com o drone é possível conduzir os animais com apenas um. Não preciso contratar terceiros", conta.

Outros usos

No começo, a ideia de adotar o drone na pecuária deixou o pai de Gabriel, Ludgero Sant'Anna, desconfiado. "Conquistei o 'velho' com os outros usos do drone na fazenda, que ajudaram a valer o investimento", explica Gabriel, que montou uma empresa de aluguel de drones em Brasília (DF) e cobra até R\$ 10 mil a diária, dependendo do trabalho e do equipamento.

Gabriel conta que já usou o drone para achar a carcaça de uma novilha da fazenda, abatida por ladrões. Destinaram quatro peões para a busca por terra, mas o equipamento foi mais rápido. "Com o drone, achei o rastro do veículo dos ladrões na estrada, decolei o drone e, olhando pelo monitor, vi um ponto que parecia ser a carcaça. Cheguei mais perto e confirmei. Se fossem apenas as pessoas buscando, poderia demorar um dia inteiro. Levei oito minutos para encontrar", lembra o pecuarista.

Ele conta que também usa o drone para monitorar as 55 divisões de pasto, que somam 9.000 hectares. Ao sobrevoar a área, ele faz fotos em alta definição e consegue ver quais pastos devem ser reformados, se a pastagem está desenvolvendo bem e se há necessidade de coleta de solos para análise.

O mesmo pode ser feito para a contagem do rebanho. "Tiro uma

Ludgero Gabriel Sant'Anna descobriu por acaso que a tecnologia poderia ajudar na fazenda



foto durante o sobrevoo e consigo contar as cabeças. Bem mais rápido do que deslocar um peão para isso", explica.

Se o drone era uma dúvida para o pai de Gabriel, hoje ele se diz apaixonado pela tecnologia. "Se o que engorda o boi é o olho do dono, o olho do drone ajuda, já que oferece outra visão da fazenda", afirma.

A Embrapa Instrumental já estuda o uso de drones na pecuária de precisão, com dois trabalhos que viabilizam a contagem aérea dos bois por meio do voo (veículo aéreo não tripulado) e o controle de capivaras e javalis em propriedades, orientados pelo pesquisador Lúcio Jorge.



O peão Getúlio Mesquita e o drone na fazenda em Buritis (MG)

estar dos animais, e não só na comodidade do pecuarista", ressalta Fabiana. Segundo ela, também é preciso levar em conta o custo do investimento, o tipo de manejo desejado na fazenda e o tamanho da propriedade.

O futuro dessa tecnologia no pasto é incerto e gera desconfiância. "É modismo. Não acredito que a moda vá pegar", diz. Seu colega Lúcio Jorge compartilha da mesma opinião. "O drone ainda não tem autonomia de voo para tocar a boiada em grandes distâncias. É trabalhoso usar a tecnologia para esse fim. Se for mal-feito, pode ter efeito oposto, como espalhar os animais no pasto", complementa.

Enquanto essa tendência não pega, o bom e velho peão de boiadeiro é quem continua no comando. "Mas ele precisa também usar as boas práticas, não apressar a boiada, não bater e não gritar perto dos animais", diz Fabiana. "Tudo o que estressa o boi deve ser repensado na pecuária", finaliza.

Bem-estar

Há poucos registros de pecuaristas que utilizam drones na atividade. Por ser uma novidade, não há um consenso sobre possíveis benefícios ou prejuízos ao rebanho. A pesquisadora da Embrapa Gado de Corte, de Campo Grande (MS), Fabiana Villa Alves, que estuda o bem-estar animal de bovinos de corte, diz que a tecnologia deve ser usada com cautela. "Ainda não vi nada parecido. Mas, como o boi tem a audição apurada e, por isso, foge do barulho do drone por medo, ele pode se assustar como o objeto e se estressar", avalia.

Estressados, os animais podem ter queda no rendimento de carne e leite, fraturar as patas e sofrer acidentes. "O pecuarista precisa ponderar sobre a necessidade do uso de drones. Em casos isolados, o uso é válido, mas é preciso analisar o estresse da boiada. Tem de pensar no bem-

O que são os drones



São veículos aéreos não tripulados (vants) e podem embarcar diversas tecnologias. Na agropecuária, são usados para detectar problemas de lavoura como excesso de irrigação, falhas de plantio, além de acompanhamento de plantios e pastagens, contagem de rebanhos, entre outras finalidades. Podem ser turbinados com câmeras de alta definição, sensores infravermelho e termico, aliados a softwares de computadores capazes de analisar imagens para diversos fins.

Como escolher o seu

- 1 Invista em um mais barato e simples** no início para treinar as habilidades de voo. "Indico o modelo Phantom, que é completo e resistente e custa relativamente barato, entre R\$ 5 mil e R\$ 10 mil", diz Ludgero Gabriel. Há modelos como o S800 (com oito hélices), que podem custar a partir de R\$ 35 mil
- 2 Capacite o piloto com cursos.** "Colocar um drone no ar exige técnica e prática. Parece fácil pilotar, mas não é", explica o pecuarista Gabriel. Há escolas por todo o Brasil que ensinam como pilotar drones
- 3 Avalie se realmente é necessário.** Há diversos usos para o drone no dia a dia da fazenda. Liste quais podem ser adotados na sua antes de investir no equipamento